



ENTREVISTA

Fotografia: CPR VII, ASCOM, PMPA.

Saúde mental em linha de frente: vivências da Ten Kayze Carvalho, do Quadro de Saúde da PMPA.

Raimundo Nonato de Araújo Miranda Júnior¹

¹ Tenente-Coronel da Polícia Militar do Pará; Estado-Maior Geral, Pesquisa Científica; Mestrando em Tecnologia, Recursos Naturais e Sustentabilidade na Amazônia (PPGTEC/UEPA); Especialista em Gestão Estratégica em Defesa Social (IESP/UEPA); Bacharel em Administração Pública (UFPA).

E-mail: mirandapmpa1998@gmail.com;
ORCID: 000-0001-7285-6906.

² 1º Tenente Psiquiatra da Polícia Militar do Pará; Especialista em Neurociências e Comportamento (PUC/RS); Chefe da Seção de Planejamento, Instrução e Operações do CMS.

E-mail: kaizycarvalho@hotmail.com;
ORCID: 0009-0009-3336-9764.

A presente entrevista faz parte do conteúdo da 4ª edição do Periódico Científico PMPA em Revista, produzido pela Polícia Militar do Pará, sob a coordenação do Estado-Maior Geral (EMG), por meio da 8ª Seção do EMG (PM/8) - Pesquisa Científica. A entrevistada é a 1º Tenente QOSPM Kaizy Ferreira Carvalho ², Oficial Médica do Quadro de Saúde da Polícia Militar do Pará, com formação acadêmica em Medicina pela Universidade do Estado do Pará, especialista em Psiquiatria pela Fundação Hospital de Clínicas Gaspar de Oliveira Vianna e Pós-Graduada em Neurociências e Comportamento pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Atualmente, exerce a função de Chefe da Seção de Planejamento, Instrução e Operações do Corpo Militar de Saúde (CMS), atua também no atendimento de psiquiatria clínica, realiza perícias trabalhista e criminal de militares, bem como no atendimento de urgência em ambulância durante treinamentos e testes de aptidão física. Em paralelo, trabalha como Analista Judiciário, no Tribunal Regional Eleitoral, onde exerce o cargo de médica psiquiatra, prestando apoio especializado na área médica. Outra experiência profissional que teve foi como Legista Psiquiatra da Polícia Científica do Pará (PCEPA), onde realizava perícia psiquiátrica criminal (responsabilidade penal, verificação de periculosidade, super-veniência de doença mental). Entre os anos de 2017 e 2019, exerceu atividade médica no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA), em Belém/Pará, realizando atendimentos de clínica médica a alunos e servidores. Desempenhou atividades de perícia trabalhista de servidores, participou de campanhas de vacinação e conscientização sobre cuidados de saúde.

Quais foram as principais motivações que influenciaram sua escolha pelo curso de Medicina? Há quanto tempo você concluiu sua formação?

Eu sempre quis desde muito cedo, ser médica. Em dezembro eu completei 10 anos de formada. Cursei a graduação de Medicina, na Universidade do Estado do Pará, entre os anos de 2009 a 2014. Em 2023, concluí a Pós-graduação *strictu sensu* em Neurociências e Comportamento, na Pontifícia Universidade Católica (PUC/RS), de Porto Alegre no Rio Grande do Sul.

Por que você decidiu se especializar em psiquiatria dentro da Medicina?

Durante todo o período em que estava cursando a graduação, já sabia que seria psiquiatra, porque entendi que as doenças mentais eram as mais difíceis de serem resolvidas e que poucas pessoas compreendiam como resolvê-las. Então, diante dessa dificuldade, percebi que poucos possuíam essa habilidade, e foi o que me interessou.

O que despertou seu interesse em ingressar no curso de Oficial Médico da Polícia Militar? Quanto tempo já se dedicou à Corporação?

Eu fiz o concurso para Oficial Médico da Polícia Militar em 2016. Nessa época, eu tinha 26 anos de idade e estava fazendo residência médica, pois consegui passar direto, assim que saí da faculdade e, durante esse período foi lançado o edital do concurso, que fiz pensando em ter uma carreira. Buscava um trabalho que me oferecesse progressão funcional, e, na verdade, a maioria das profissões não possui esse processo. Além disso, a PMPA estava oferecendo quatro vagas para Clínica Médica.

"Naquele momento eu não fazia ideia da importância da função do médico na PMPA, mas estava disposta a aprender".

Em sua opinião, quais são as maiores distinções entre o trabalho de um médico civil e o de médico policial militar?

Eu acredito que a principal diferença é a quantidade de atribuições a mais que o policial militar possui. Além de fazermos o atendimento diário, seja ambulatorial ou hospitalar, ainda temos que estar prontos para as missões que aparecem no dia a dia. Além disso, fazemos muitas perícias médicas e as responsabilidades de médico perito isolado nas unidades policiais do interior. Em julho deste ano, por exemplo, estive em Tucuruí para fazer a inspeção de saúde dos policiais militares para a promoção de setembro. Desta forma, não há como dizer: "eu só faço isso aqui, a minha competência é apenas essa". Sendo assim, além da especialidade desempenhada por cada médico da PMPA, todos acabam tendo as mesmas responsabilidades.

"Embora eu seja Psiquiatra, tenho que estar pronta para trabalhar em uma ambulância caso alguém seja levemente ou gravemente baleado. O fato de eu ser especialista não exclui da responsabilidade clínica".

Quais as principais diferenças entre o atendimento psiquiátrico de pacientes civis para policiais militares?

Hoje em dia, devido à facilidade de acesso às informações nas mídias sociais, a sociedade em geral vem exigindo cada vez mais do profissional da área da saúde. Então, costumo dizer que a minha atividade dentro do consultório, tanto no atendimento a civis quanto a policiais militares, não tem muita diferença. Então, os civis que me procuram no consultório, não necessariamente têm algum problema de saúde mais ou menos grave do que os policiais militares atendidos. Apesar de que profissionais que trabalham em turnos de serviço, como é o caso dos policiais militares, têm mais problemas de sono, contudo não significa que outros pacientes não

passem pelos mesmos problemas. Há também aqueles que apresentam problemas diferentes, tão graves quanto. Assim, é necessário individualizarmos e adaptarmos o atendimento a cada paciente, e levar em consideração a profissão que ele exerce como um fator muito importante para o tipo de assistência que será prestada.

Você percebe alguma resistência por parte dos policiais militares em relação ao atendimento psiquiátrico?

Muita resistência. O preconceito com relação às pessoas portadoras de transtornos mentais existe na sociedade como um todo, porém na vida militar ele é mais arraigado. Os militares quando nos procuram, geralmente, já vêm por insistência do comandante ou da própria família que se encarrega de levá-los para buscar atendimento especializado, pois o militar carrega consigo uma ideia equivocada de ser “superior a tudo”, capaz de resolver todos os problemas, sem a necessidade de buscar ajuda de ninguém. Ele acredita que é uma questão de força de vontade, de querer resolver, o que acaba lhe sobrecarregando. Então, quando o militar nos procura, às vezes vem em um estado de saúde mental mais crítico, devido à demora em procurar o atendimento. Na maioria das vezes o paciente aparece com vários exames realizados, pois procura motivos físicos para todos os seus males, e quando não consegue encontrar as respostas nas outras especialidades, finalmente busca auxílio da psiquiatria. Portanto, isso é algo que dificulta muito a procura dos policiais militares por essa especialidade.

"Dentro do quartel existe um estigma muito grande com relação ao policial militar procurar um atendimento médico, as coisas que a gente escuta: 'Fulano é enrolão'; 'O que vão pensar de mim no quartel?'; 'Vão pensar logo que eu estou enrolando'; 'Que eu não quero trabalhar etc'".

O que os policiais militares alegam sobre essa resistência em relação ao atendimento psiquiátrico?

Na verdade, isso não acontece somente com os militares. A questão é serem vítimas de preconceito, de serem taxados dentro do quartel como pessoas que não querem trabalhar. Existe também outra alegação, que é o receio de tomar remédio controlado. Eles dizem: “Eu posso ficar dependente dessa medicação”, ou ainda, “Isso pode me trazer um problema maior do que o problema que eu já tenho”.

Você percebe alguma diferença na atuação dos profissionais do Corpo Militar de Saúde da época de sua entrada na PMPA para os dias atuais?

Quando eu ingressei na Corporação há sete anos, a atividade médica já estava mais voltada para a perícia, as missões de assistência médica para atendimento de emergência, durante as instruções práticas dos cursos de formação policial, bem como os eventos públicos. Hoje, o médico da Polícia Militar, está mais envolvido em situações operacionais da Corporação, do que no próprio atendimento e no contato com o paciente. Então, é necessário que algumas especialidades médicas, como a psiquiatria, sejam retiradas desse tipo de emprego de apoio médico para que pos-

samos prestar assistência, e realizar o acompanhamento adequado aos policiais que procuram atendimento psiquiátrico, porque são muitas demandas.

Considerando a quantidade de viagens para o interior do estado e as missões realizadas pelos médicos da PMPA, como ocorre o acompanhamento dos pacientes psiquiátricos? Eles costumam dar continuidade ao tratamento?

Eu conto com a ajuda dos clínicos. Digo aos pacientes, caso não consigam me encontrar em até 30 dias, para solicitar aos outros colegas que estiverem no serviço para renovarem suas receitas até conseguirem marcar uma consulta especializada. Alguns pacientes não conseguem retornar comigo para serem reavaliados durante um bom tempo, já outros conseguem em dados momentos. Isso acontece devido ao fato de fornecermos uma boa orientação aos pacientes. Eles chegam de outros atendimentos psiquiátricos já relatando os sintomas e o tratamento ao qual estão sendo submetidos. Então eles chegam dizendo que possuem determinado diagnóstico, tratamento, e que gostariam de dar continuidade.

"Os quadros de depressão e ansiedade são mais comuns de um modo geral, não apenas entre policiais militares, mas acontece com qualquer pessoa".

Quais os principais problemas de saúde dos policiais militares? Que fatores contribuem para isso?

A vida moderna nos impõe muitos desafios com relação à questão do trabalho, família e sociedade. Com a experiência que tenho de sete anos na Corporação, observei que o policial militar sofre com problemas metabólicos, tipo diabetes, colesterol elevado, triglicerídeo, obesidade, alguns fatores de risco como sedentarismo e ingestão de bebidas alcoólicas. Portanto, as doenças cardiovasculares, certamente, são muito presentes. Temos pacientes hipertensos, cardiopatas, diabéticos, dislipidêmicos e coronariopatas. Como fazemos as inspeções de saúde para as promoções, vemos que isso é generalizado nas pessoas. Então, alguns policiais apresentam quadros de saúde muito graves outros não. Em relação aos policiais que procuram atenção psiquiátrica, eu não vejo muita diferença entre eles e os pacientes que acompanho fora da Corporação.

O que deve ser feito para evitar a grande incidência dessas doenças na tropa?

Devemos priorizar um treinamento físico militar constante, fazendo com o que o policial entenda que a atividade física faz parte do trabalho dele. Não é uma opção. É uma obrigação que está escrita, inclusive, em nosso código de ética. Precisamos manter uma boa condição física para poder prestar o nosso trabalho. A questão da reeducação alimentar também é importante. Os policiais tiram serviço noturno e sabemos que na maioria das vezes se alimentam mal durante esse trabalho. Muitos recorrem a sanduíches ou lanches com alto valor calórico, considerando que as escalas de serviço geralmente são de 12h/24h e 12h/48h, então a cada semana duas ou três noites, eles estão trabalhando na rua e se alimentando de forma inadequada. No que diz respeito às doenças mentais, eu tenho atendido muitas pessoas com problemas sociais, com grande dificuldade de lidar com problemas que se acumularam na vida. Então, observando esse aspecto, um planejamento familiar, uma atividade de vida regular, a capacidade de ter uma organização financeira melhor, dividir responsabi-

lidades na família e não ficar tudo concentrado em apenas uma pessoa, pois geralmente as responsabilidades se concentram em quem tem a renda fixa da família. Portanto, essa melhora da qualidade de vida irá refletir tanto na saúde física quanto na saúde mental do policial militar.

Qual é a importância do Corpo Militar de Saúde para levar aos policiais militares essa conscientização e reeducação quanto à melhoria na qualidade de sua saúde?

Nós temos muitas limitações quanto ao número de militares no quadro de saúde, mas nossa luta é diária. Em toda inspeção de saúde que realizamos, falamos aos policiais que é necessário ter cuidado com o ganho de peso e que é preciso manter uma atividade física e melhorar a alimentação. Para se ter uma ideia, um ano após ter realizado a inspeção de saúde em um policial militar do município de Abaetetuba, eu o encontrei aqui em Belém. Ele me reconheceu e disse assim: “A senhora foi me inspecionar lá em Abaetetuba e disse que eu precisava perder vinte quilos. Eu já perdi dez”. Assim como ele conseguiu, outras pessoas também podem ter bons resultados. Certa vez, um militar parou as atividades durante um determinado curso operacional para agradecer ao cardiologista, por ter colocado um *stent* no coração, porque sem aquele implante possivelmente não teria participado do curso. Assim, fazemos tudo o que está ao nosso alcance, mas penso que é necessário haver uma quantidade maior de oficiais médicos, levando em consideração as especialidades da medicina, para que nós possamos atuar de forma mais efetiva.

O policial militar deve ter uma atenção diferenciada em relação a sua saúde? Por quê?

Sim, com certeza! O policial militar está sujeito às mais diversas ocorrências. Ele trabalha na rua cumprindo horário noturno, submetido a pressões tanto da sociedade quanto do meio em que trabalha. Muitos policiais moram em residências próximas de áreas de alto risco inclusive onde atuam. São profissionais que passam por riscos muito maiores do que os riscos do trabalhador civil, tendo em vista que o policial não tem horário definido, está sempre disponível para atuar naquilo que for necessário. Portanto, ele precisa ter a saúde assistida com mais atenção.

Observamos que as pessoas em nosso país, geralmente, procuram atendimento médico quando já estão doentes, em vez de buscarem a prevenção. Você acredita que a prevenção é a maneira mais indicada para o policial militar alcançar uma saúde de qualidade?

Com certeza. Muitas doenças são preveníveis por meio de controle de fatores de risco. Podemos prevenir a doença cardiovascular, não sendo sedentários, nos alimentando bem, tendo uma vida regrada e evitando a ingestão excessiva de bebida alcoólica. Até a vida financeira pode interferir na saúde, como um todo. Muitos policiais militares envolvidos com muitos empréstimos acabam tirando muito serviço extraordinário para honrar os compromissos financeiros. Essa carga excessiva de trabalho leva a pessoa a não ter tempo de estabelecer e manter boas relações afetivas, praticar atividade física ou ter momentos de lazer, o que leva a uma vida cheia de estresse e aborrecimentos que podem influenciar no aparecimento de doenças.

"Com a prevenção conseguimos reduzir consideravelmente a incidência das doenças cardiovasculares, psíquicas e reumáticas, entre outras".

Sabemos que a expectativa de vida dos policiais militares está abaixo da média nacional. Além de ser uma atividade profissional perigosa, há também as questões de saúde abordadas nesta entrevista. Diante do exposto, faça uma análise a respeito dessa baixa expectativa de vida dos policiais militares.

A partir do momento em que não se consegue fazer a prevenção, o policial militar, passa a ter uma saúde mais comprometida. A vida do militar é muito adversa. Somado a isso, se você não tem uma vida regrada, com boa alimentação, atividade física regular, boas relações sociais e familiares, na qual você está satisfeito dentro do local de trabalho, sem dúvidas isso vai fazer com que adoença com mais facilidade. Observamos militares na faixa etária de 50 a 55 anos de idade com aspecto de uma pessoa com mais de 60 anos de idade. No entanto, devemos considerar que o policial militar tem uma expectativa de vida menor por estar sujeito às situações em que pode haver letalidade, envolvendo troca de tiros. Isso é um fator de risco inerente à profissão, mas temos fatores de risco modificáveis sobre os quais ele pode atuar. Talvez falte uma educação melhor para esse policial, um incentivo maior dentro dos quartéis, para que se tenha uma vida mais saudável.

Com o advento e a utilização do prontuário eletrônico na PMPA haverá melhorias no atendimento médico dos policiais militares e de seus familiares?

Certamente. O prontuário eletrônico é uma ferramenta que acrescentará muito no sentido de que não será necessário ter o prontuário físico para os oficiais médicos atenderem os militares, pois se o paciente for consultado pelo médico cardiologista e depois precisar fazer uma consulta com outro especialista, o profissional irá saber o que o cardiologista prescreveu e, de antemão, separar aqueles medicamentos que podem estar dentro do seu arsenal terapêutico, bem como os remédios que não poderá prescrever devido ao problema cardíológico, ou porque tem algum medicamento que vai interagir com o medicamento que for prescrever. Assim facilitará o acompanhamento do tratamento do paciente como um todo, porque a especialidade aponta determinados aspectos da saúde, mas ela precisa de outros resultados para poder dar um diagnóstico mais preciso.

Qual a importância das ferramentas tecnológicas na transformação e na otimização dos serviços de saúde para um atendimento eficaz na PMPA?

Vejo que essas tecnologias podem ajudar no exame pericial das juntas de promoção e nas juntas de cursos, porque se trata de perícia de exames cardíológicos e laboratoriais, sendo possível que o militar apresente os exames por via digital e passe pela inspeção por meio de telessaúde, por exemplo, sem a necessidade de vir do interior do estado para passar por essa inspeção.

Infelizmente, todos fomos atingidos pela pandemia da Covid-19 e, sabemos que os profissionais da saúde foram imprescindíveis no combate a essa doença. Gostaria de saber como foi o papel dos profissionais do Corpo Militar de Saúde no enfrentamento à Covid-19.

Nessa época o Hospital da Polícia Militar ainda não funcionava como hospital. O atendimento era ambulatorial, mas a fila dava volta no quartelão de policiais militares, esperando atendimento. Todos os nossos médicos foram deslocados para atender somente essas situações que poderiam ter o diagnóstico de Covid-19. Então o acompanhamento ambulatorial nas especialidades de psiquiatria, reumatologia, nefrologia, cardiologia e clínica médica foi suspenso para que pudéssemos atender uma demanda enorme de pacientes que surgiu. Não tinha regulação dos pacientes policiais acometidos de Covid-19, tendo em vista que a Polícia não tem *link* com SUS ou com os hospitais particulares. Tentamos levar pacientes para um local onde existisse recurso de CTI, e em todos esses locais os pacientes eram recusados. Chegou ao ponto de acontecer óbitos dentro de ambulância, por conta dessa situação. O que fizemos foi orientar a levar os policiais e familiares com sintomas de contágio do Coronavírus para o hospital, quando era necessário. Tentava-se afastar os doentes para que eles também não contaminassem outros integrantes da guarnição. Esse foi um período em que trabalhamos de forma extrema. Quando chegou a época da vacina o pessoal do Corpo Militar de Saúde trabalhou muito, porque os técnicos de enfermagem trabalharam vacinando centenas de pessoas. Então todos nós trabalhamos com as condições que eram possíveis, primeiro por uma doença que não sabíamos muito bem o que fazer, depois por não ter um lugar para colocar as pessoas que precisavam de internação. Foi um período extremamente difícil.

"Muitas situações dramáticas recaíram sobre o quadro de saúde, não foi um problema só da Polícia Militar, foi mundial, os casos de infecção cresceram rapidamente, não tínhamos como receber todos esses pacientes".

Os profissionais da saúde do CMS continuam fazendo o acompanhamento dos policiais militares que foram acometidos pela Covid-19?

Sim. Na especialidade em que atuo, é frequente atendermos pacientes com desenvolvimento do transtorno mental que se deu após a Pandemia. Sejam aqueles que foram infectados com o vírus, assim como aqueles que não tiveram Covid-19, mas sentiram medo de precisar de uma internação e não ter um leito para internar. A partir desse momento, vi no meu consultório muitos casos de depressão e de ansiedade que não existiam antes, mas que a pessoa adquiriu após o contato com os efeitos da Pandemia.

Reconhecemos a participação importantíssima dos profissionais do Corpo Militar de Saúde no combate à pandemia da Covid-19, mas não podemos deixar de mencionar a participação imprescindível de todo o efetivo da PMPA nesse período. Assim, gostaria que você relatasse como ocorreu essa participação da Corporação no enfrentamento à Covid-19 em nosso estado? Além disso, as guarnições da PMPA tiveram outro papel de extrema relevância, que foi a realização das escoltas aos profissionais da Secretaria da Saúde, para levar as vacinas a todos os rincões do Pará, e isso ocorreu por meio dos céus, estradas e rios do estado. Desta forma, os policiais militares contribuíram de maneira determinante para que não faltassem vacinas a nenhum cidadão paraense.

Durante a pandemia houve uma missão em que fomos destacados para quatro aldeias indígenas. Em algumas não dava para chegar por estrada e foi necessário utilizar o avião do Grupamento Aéreo de Segurança Pública (GRAESP). Então, o avião saía do aeroporto onde funcionava o Aeroclube do Pará, que agora vai ser o

Parque da Cidade, para transportar os respiradores. Enquanto estávamos vacinando a população indígena, a aeronave distribuía os respiradores ao longo do interior do estado e depois nos resgatava. Havia dias que não era possível embarcar a equipe. Consequentemente dormíamos na aldeia até que fosse possível voar novamente. Vimos o efetivo da Polícia Militar nas ruas, realizando barreiras sanitárias, para que as pessoas não ficassem transitando sem necessidade. A PM fechou estabelecimentos onde havia aglomeração para que o isolamento fosse efetivo, e contribuísse na preservação de vidas. Inclusive, fui parada em algumas barreiras e tive que me identificar como médica justificando o deslocamento para determinados lugares.

Quais são os ensinamentos que a pandemia da Covid-19 deixou para você?

Apreendi duas coisas importantes: A primeira é a questão da higiene, do cuidado em lavar as mãos, a preocupação em termos de desenvolver uma retaguarda de atendimento, da área de saúde, no sentido de como agir caso aconteça outra situação semelhante a essa pandemia. Por exemplo, a segunda, foi que ficou mais claro para os médicos o quanto as doenças físicas afetam o estado mental. Existe um quadro da Covid-19 chamado Brain Fog, que é uma palavra para confusão mental em inglês ou confusão cerebral, porque a Covid-19 inflama o cérebro. É um quadro agudo. Eu recebi, inclusive, dois ou três policiais que nunca tiveram nenhum histórico de transtorno mental na vida e de repente, estavam psicóticos, dizendo que tinha alguém vindo atrás deles, pessoas que relataram para mim que o quarto delas estava pegando fogo. Eu nunca tinha visto tão claramente o quanto uma doença física pode alterar o estado mental das pessoas.

Gostaria de agradecer sua participação, e para finalizar, peço que deixe uma mensagem aos policiais militares sobre a importância do cuidado com a saúde.

"Precisamos de tempo para resolver os nossos problemas de saúde, dispor de um tempo para cuidar de nós mesmos, cuidar no sentido de ter uma vida mais saudável, praticar atividade física regular, não ser sedentário, se alimentar melhor, ter relações mais saudáveis, dentro do ambiente de trabalho e em casa".

A importância se resume em uma palavra, que é a prevenção. Pediria que o policial militar investisse mais em atividade física, que procure frequentar uma academia e se mantenha num peso adequado, pois é necessário para que possamos ter, por exemplo, uma coluna e um quadril que suportem nosso peso por toda a vida, para conseguirmos ser idosos que possam se levantar e andar sozinhos. Com a atividade física estando em dia, certamente o cérebro e as emoções dessa pessoa estarão mais equilibrados, essa é minha recomendação. A nossa vida precisa de equilíbrio, não podemos focar somente em trabalho e obrigações.

Fotografia: CPR VII, PMPA.

